



Desvios fonéticos/fonológicos: ditongação na escrita – proposta didática para mediação

Phonetic/phonological deviations: diphthongization in writing – didactic proposal for mediation

Desviaciones fonéticas/fonológicas: diptongación en la escritura – propuesta didáctica para la mediación

Douglas Rafael Fachinello¹

Mestrando da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel/Paraná, Brasil

Cinthia Nayara de Lima Rafagnin²

Mestranda da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel/Paraná, Brasil

Maria Elena Pires Santos³

Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel/Paraná, Brasil

Recebido em: 24/01/2020

Aceito em: 25/05/2020



10.34019/1984-5499.2020.v22.29471

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sincrônica de desvios ortográficos do tipo ditongação, encontrados nas produções textuais de alunos dos sétimos anos do Ensino Fundamental de colégios públicos. O referencial teórico que nos embasamos está pautado em trabalhos dos autores Cagliari (2002), Cristóvão Silva (2005), Zorzi (2006), entre outros. Ao verificar que as ocorrências desses desvios representam a transcrição das falas das comunidades em que os alunos estão inseridos, propusemos, a elaboração de uma unidade didática com atividades para possíveis intervenções pedagógicas que pudessem amenizar suas ocorrências. O resultado foi que os alunos começaram a monitorar a escrita e também a fala durante as aulas e a sugerir situações nas quais os colegas também deveriam gerenciá-las, porque criaram consciência do monitoramento, em decorrência do ambiente. A conclusão é que a unidade didática, se valendo de situações cotidianas, deu sentido à aquisição do processo de monitoramento da escrita e também da fala em situações específicas.

Palavras-chave: Oralidade na escrita. Ditongação. Intervenção.

Abstract

This article presents a synchronous analysis of diphthongization orthographic deviations found in the textual productions of students from the seventh years of elementary school in public schools. The theoretical framework that we are based on is based on works by the authors Cagliari (2002), Cristóvão Silva (2005), Zorzi (2006), among others. When verifying that the occurrences of these deviations represent the transcription of the speeches of the communities in which the students are inserted, we proposed the elaboration of a didactic unit with activities for possible pedagogical interventions that could mitigate their occurrences. The result was

¹ E-mail: dougfachinello@hotmail.com

² E-mail: cinthianayara_lima@hotmail.com

³ E-mail: mel.pires@hotmail.com

that students started to monitor writing and also speech during classes and to suggest situations in which their colleagues should also manage them, because they created awareness of monitoring, due to the environment. The conclusion is that the didactic unit, taking advantage of everyday situations, gave meaning to the acquisition of the process of monitoring writing and also speech in specific situations.

Keywords: Orality in writing. Diphthongation. Intervention.

Resumen

Este artículo presenta un análisis sincrónico de las desviaciones ortográficas de diptongación encontradas en las producciones textuales de estudiantes de séptimo año de escuela primaria en escuelas públicas. El marco teórico en el que nos basamos se basa en trabajos de los autores Cagliari (2002), Cristófaró Silva (2005), Zorzi (2006), entre otros. Al verificar que las ocurrencias de estas desviaciones representan la transcripción de los discursos de las comunidades en las que se insertan los estudiantes, propusimos la elaboración de una unidad didáctica con actividades para posibles intervenciones pedagógicas que podrían mitigar sus ocurrencias. El resultado fue que los estudiantes comenzaron a monitorear la escritura y el habla durante las clases y sugerir situaciones en las que sus colegas también deberían manejarlos, porque crearon conciencia del monitoreo, debido al entorno. La conclusión es que la unidad didáctica, aprovechando las situaciones cotidianas, dio sentido a la adquisición del proceso de monitoreo de la escritura y también del habla en situaciones específicas.

Palabras clave: La oralidad en la escritura. Diptongación. Intervención.

Introdução

Durante o processo de alfabetização, o desenvolvimento da linguagem escrita acarreta diversos desvios ortográficos que são perfeitamente compreensíveis do ponto de vista da aprendizagem, nesse estágio inicial. Contudo, alguns alunos costumam seguir com determinados problemas de escrita ao longo da formação escolar, ou porque não receberam as orientações no tempo necessário para que pudessem compreendê-los e superá-los, ou então o tipo de correção pode não ter sido adequado à natureza específica desses desvios.

Esses equívocos ortográficos podem ocorrer por omissões ou acréscimos de letras, apoio na oralidade, incompreensão das representações múltiplas, junção ou separação indevida de palavras, entre outros. As causas podem ser: de natureza fonético-fonológica, quando a origem está diretamente relacionada à comunidade de fala do aluno; de natureza arbitrária, quando a origem é pelo desconhecimento do código escrito; ou, por outras motivações como, por exemplo, falta de atenção.

A ditongação é um tipo de desvio ortográfico fonético-fonológico, pois geralmente ocorre devido ao apoio na oralidade. Trata-se do acréscimo de uma semivogal, como no caso do emprego de “nóis” em lugar de “nós” e costuma aparecer em produções textuais de alunos que já estão em um nível escolar mais avançado, na maioria das vezes, nos anos finais do Ensino Fundamental.

A partir destas considerações, nosso objetivo é apresentar uma análise sincrônica de desvios ortográficos do tipo ditongação, encontrados nas produções textuais de alunos do 7ºs anos que foram

participantes da pesquisa. Ao verificar que as ocorrências desses desvios representam a transcrição das falas das comunidades em que os alunos estão inseridos, propusemos a elaboração de uma unidade didática com atividades para possíveis intervenções pedagógicas que pudessem amenizar as ocorrências desses desvios.

Este artigo apresenta a seguinte organização: na primeira seção, abordamos a ancoragem teórica, fundamentada principalmente nas pesquisas de Luiz Carlos Cagliari (2002), Jaime Luiz Zorzi (2006) e Thais Cristófaros Silva (2005); na seção seguinte, trazemos a metodologia utilizada e descrevemos rapidamente a unidade didática desenvolvida; a terceira seção trata da aplicação da unidade didática e seus resultados; por último, apresentamos as conclusões.

Considerações teóricas

O domínio da ortografia inicia-se durante o período de alfabetização e deve ser monitorado em todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente quando apresentam desvios ortográficos considerados inadequados para o nível escolar em que se encontram. Nesse sentido, de acordo com Zorzi (2006):

[...] podemos observar que todas as crianças cometem ‘erros’ durante a aprendizagem da escrita, os quais tendem a se tornar cada vez mais específicos e ocasionais, até que elas dominem de forma mais segura o sistema ortográfico. Porém, por outro lado, também observamos algumas delas que parecem ter uma trajetória diferente, exibindo uma diversidade e frequência de alterações de escrita mais intensa e duradoura (ZORZI, 2006, p. 3).

Dessa forma, é possível que muitos desses alunos que escrevem diferente do que a norma padrão orienta em suas produções textuais não tenham sido corrigidos ainda durante o processo de alfabetização, nas correções realizadas pelos professores, ou em uma hipótese provável, não abordaram metodologias apropriadas à natureza dos equívocos. Para Bortoni-Ricardo (2005), os erros ortográficos são enquadrados em quatro categorias:

[...] decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita; decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado; decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais; decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54).

Entender a natureza dos desvios ortográficos é de fundamental importância para uma maior eficiência na resolução dos problemas. Os desvios de natureza fonético-fonológica estão diretamente

relacionados à comunidade de fala dos alunos. Cagliari (2002) afirma que é indubitável que os falantes nativos sabem falar, mas, quando utilizam uma variante estigmatizada, ela geralmente é transferida para a escrita e, nesse caso, julgam-se maus usuários da língua. Para o autor:

Os usuários da língua, não raramente, sentem-se constrangidos na hora de escrever, não por causa do conteúdo, mas da grafia de certas palavras. Na verdade, os conteúdos podem ser discutidos ou mesmo questionados, mas a grafia das palavras revela de imediato o grau de escolaridade das pessoas (CAGLIARI, 2002, p. 2).

Entretanto, “de uma perspectiva estritamente linguística, não se justificam julgamentos de valor, uma vez que a faculdade da linguagem é inata e comum a toda espécie humana” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 7-8). De acordo com as autoras, o Brasil apresenta uma unidade linguística, a língua portuguesa, mas também apresenta diversidade. Sobre essa diversidade, Baronas (2009) comenta que:

A língua portuguesa no Brasil é bastante diversificada devido a determinados motivos, como a extensa faixa territorial do país, que reúne falantes de um português diversificado, além dos fatores socioculturais que dinamizam as variações na língua. Com isso, a escola brasileira enfrenta questões complicadas no que diz respeito ao ensino da língua, pois os estudantes, muitas vezes, apresentam uma fala muito distante da norma padrão e, por isso, têm muita dificuldade na absorção de tal norma (BARONAS, 2009, p. 16).

Nesse sentido, “na hora de escrever, a ortografia não está interessada em como o falante vai pronunciar, mas apenas com que letras ele irá escrever. É por isso que se diz que a ortografia tem como objetivo maior *permitir a leitura e não representar uma pronúncia*” (CAGLIARI, 2002, p. 12, grifos do autor).

Com relação a influência da oralidade na escrita, Baronas (2009, p. 29) pontua que “é comum que haja tal transposição da oralidade no processo da escrita, principalmente quando o aluno não tem familiaridade com esta modalidade, ocorrendo incorreções de várias ordens”. Podemos considerar, então, que um dos fatores que determinam esse fenômeno de interferência da habilidade oral nas produções textuais é o pouco domínio da norma padrão. Para o autor:

É sabido que a norma padrão é uma prescrição da modalidade escrita; a norma culta seria a mais próxima desta norma, por ser baseada na fala de pessoas com bastante familiaridade com a escrita. Entretanto, há uma grande camada da população brasileira que não tem acesso à norma culta. Tal faixa populacional é também marginalizada em situações demarcadas pela cultura escrita, pois não domina suas regras (BARONAS, 2009, p. 16).

Sobre o domínio da norma padrão, Silva (2005) explica que, “na maioria das vezes o que se

determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes” (SILVA, 2005, p. 12). Portanto, outro fator que determina a influência da oralidade em produções textuais é o grupo ao qual o falante pertence.

De acordo com Leite e Callou (2002):

O Brasil pode ser considerado como uma vasta experiência de pluralismo étnico e cultural, em que as mais diversas relações de raças e culturas – que se processam e se processaram no cenário brasileiro – são responsáveis pelas diferenças existentes entre regiões e áreas geográficas do país e, conseqüentemente, pelas diferenças entre os diversos falares brasileiros (LEITE; CALLOU, 2002, p. 9).

Entre esses diferentes falares, encontra-se o fenômeno linguístico da ditongação, interferindo na escrita de pessoas pertencentes a determinados grupos, mais precisamente, dos menos escolarizados. Segundo Aragão (2000, p. 112), a ditongação é caracterizada como “um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala”. Entretanto, a ditongação já foi responsável por muitas mudanças da Língua Portuguesa ao longo da história, visto que:

O latim foi modificado na fala popular, as línguas neolatinas sofreram esse processo de mutabilidade. Ex.: *aequale* > igual, *aetate* > idade, *aestivo* > estio, *caecu* > cego; *sepis* < *saepis*, *clostrum* < *claustrum*; *nocte* > noite; *regnu* > reino, *absentia* > ausência, *conceptu* > conceito. Nesses exemplos podem-se perceber as ditongações que ocorreram na passagem do latim para português ou mesmo da passagem do clássico para o latim vulgar, em que as vogais latinas se transformaram em ditongo, ou melhor, ditongaram-se (SANTOS; ALMEIDA; RODRIGUES, 2015, p. 8).

Essas alterações recorrentes na língua são processos naturais, uma vez que “a linguagem é, por natureza, um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano. Ora, se o homem está sempre evoluindo, mudando sua aparência, suas ideias, seus valores, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas” (BARONAS, 2009, p. 17). Sendo assim, muitas dessas variações que ocorrem na língua escrita em decorrência da fala, em uma perspectiva diacrônica, são responsáveis pelas alterações na grafia de certas palavras. Já em uma perspectiva sincrônica, essas alterações podem ocorrer em desvios ortográficos.

A ditongação é uma dessas influências da oralidade que ocasiona desvios ortográficos na escrita. Sobre esse fenômeno, “entende-se o ditongo como uma sequência de sons vocálicos em que um dos seguimentos é visto como vogal por ter o som mais longo e outro um pouco mais fraco, como semivogal” (SANTOS; ALMEIDA; RODRIGUES, 2005 p. 6). De acordo com Silva (2005), não se deve

confundir um ditongo com uma sequência de vogais, pois “um ditongo distingue-se de uma sequência de vogais pelo fato de o ditongo ocorrer em uma única sílaba enquanto que na sequência de vogais, cada vogal ocorre em sílaba diferente” (SILVA, 2005, p. 74).

Sendo o ditongo uma sequência sonora de vogais em uma mesma sílaba, percebemos que há muitas influências dessa sonoridade na escrita, resultando no fenômeno da ditongação que, na grafia da norma padrão, não deveria ocorrer como, por exemplo, “nóis” em lugar de “nós”.

O exemplo anteriormente citado é considerado, portanto, um desvio ortográfico ocasionado por um fenômeno de ditongação o qual, na maioria das vezes, tem sua origem na fala. De acordo com Cagliari (2002), as grandes línguas, como a Língua Portuguesa, têm uma variação enorme de dialetos; logo, as pronúncias também variam muito. Todavia, “se não fosse a força conservadora da ortografia, as palavras seriam escritas de muitas maneiras, dificultando a leitura nos diferentes dialetos” (CAGLIARI, 2002, p. 12).

Dessa forma, ao identificarmos equívocos ortográficos nas produções textuais de nossos alunos, é preciso, conforme propõe Cagliari, primeiramente ter clareza sobre a natureza e uso da ortografia e, para propor possíveis resoluções, é preciso levar o aluno a compreender a diferença entre falar e escrever. Nas suas palavras:

[...] o decréscimo de erros deste tipo depende da compreensão de que fala e escrita são sistemas diferentes e também do desenvolvimento de referenciais visuais-ortográficos que passem a influenciar o padrão de escrita, formando um léxico escrito, de modo que a imagem visual da palavra impressa possa se sobrepor à imagem sonora da palavra falada (CAGLIARI, 2002, p. 9).

E como possível intervenção para trabalharmos essa dificuldade, investir em atividades que objetivem auxiliar os alunos na percepção do funcionamento do sistema ortográfico para ativar a memória visual da grafia correta das palavras, são metodologias que podem ser bastante eficazes na resolução de desvios ortográficos influenciados pela fala, como nos fenômenos de metaplasmo evidenciados nessa pesquisa.

Metodologia e unidade didática

Os *locus* do presente trabalho são dois Colégios públicos estaduais de duas cidades do Oeste do Paraná: Foz do Iguaçu e Toledo. Elas ficam a 160 quilômetros de distância uma da outra. Foz, com 105 anos, possui aproximadamente 260 mil habitantes e é a sétima maior cidade do estado. Atualmente, a

economia tem como principal atividade o Turismo, por causa das Cataratas do Iguaçu, da Usina de Itaipu e das compras no comércio livre do Paraguai. O IDH-M (Índice de desenvolvimento humano – municipal) da cidade é considerado alto – 0,751, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). Já Toledo, com 67 anos, possui aproximadamente 140 mil habitantes e é a décima segunda maior cidade do estado. Contemporaneamente, suas principais atividades são agroindustriais, em decorrência do solo fértil e plano. O IDH-M da cidade é mais alto do que o de Foz, sendo de 0,768, também segundo dados do IBGE (2010).

O colégio no qual fizemos as observações em Foz do Iguaçu está situado no bairro Patriarca, região do Porto Meira. Fica a um quilômetro da maior ocupação urbana do estado, a “ocupação do Bubas”. Também é próxima à ponte que liga o Brasil à Argentina e à nova ponte entre Brasil e Paraguai. Nessa escola, foram observados oitenta alunos de três turmas diferentes, uma do período matutino e outras duas do período vespertino. Estes alunos possuem entre onze e quatorze anos. O outro colégio, situado no município de Toledo, Paraná, está localizado no centro do município. Nessa escola, foram considerados cinquenta alunos, de duas turmas do período vespertino, com faixa etária entre onze e quatorze anos.

As duas cidades, apesar de fazerem parte da mesma região, o Oeste do Paraná, têm histórias de colonização diferentes e economias com setores diferentes. No entanto, observamos que os alunos apresentam desvios da mesma natureza. Constatamos que em ambas as cidades a ditongação é frequente entre alunos do Ensino Fundamental – anos finais – e que esse fenômeno, peculiar da oralidade, interfere na escrita como, por exemplo, no registro das seguintes palavras: “nóis” [‘noys] (nós), “luiz” [‘luys] (luz), “arroiz” [aʁ’oj] (arroz), “treis” [tr’ej] (três), entre outras. O fonema “s”, originário dos grafemas “s” ou “z” no final das palavras, contribui para que ocorra a ditongação na fala dos habitantes dessa região. Mas a palavra mais utilizada e recorrente, tanto na oralidade e, conseqüentemente, na escrita, é o pronome pessoal nós, que acaba sendo falado e escrito como “nóis”.

Cientes desse desvio da norma padrão, nas produções textuais dos alunos observados, propusemos uma unidade didática para trabalhar com esse equívoco na escrita, com a finalidade de mostrar que os registros resultantes da ditongação nessa habilidade não são apropriados, pois implicam em desprestígio do usuário, gerando até mesmo preconceito linguístico.

Dada a situação, nossa unidade didática focalizou os seguintes objetivos:

1. Apresentar aos alunos que o desvio foi constatado recorrentemente e, por isso, a unidade didática está sendo proposta;

2. Explicar o que são variedades linguísticas e o porquê nenhuma está errada, mas existem situações de uso;
3. Dar a oportunidade para os alunos contarem se já vivenciaram, se acreditam que vivenciam ou se vivenciarão situações nas quais terão que se valer da norma culta, na escrita e na fala, para que não sejam estigmatizados;
4. Proporcionar questionamentos dos alunos para que reflitam sobre quais motivos levam as pessoas a não falarem a norma culta e por que esse fenômeno se reflete na escrita;
5. Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre ditongos e o processo de ditongação. Explorar o conhecimento deles com relação a palavras próximas em sua composição, nos casos em que uma delas possui ditongo e a outra não, como por exemplo: *mas/mais*, *dos/dois*, *pôs/pois*. Investigar por que falamos e escrevemos *secretária/secretaria* e por que palavras como *Márcia* e *Júlia* são acentuadas;
6. Explicar o que são os ditongos, o que é o processo de ditongação e mostrar exemplos que eles escreveram;
7. Contribuir para que os alunos reconheçam que a ditongação é realizada em contextos específicos, tais como: “*treis*” e “*deiz*” (por analogia de dois e seis); “*arroiz*”, “*cruiz*”, “*nóis*”, “*voiz*” (na presença do som de S ou Z); “*bandeija*”, “*carangueijo*”, “*azuleijo*”, por analogia com *ameixa* e *caixa*).

Aplicação

Primeiramente, mostramos aos alunos que fizemos marcações em suas produções. Em seguida, os questionamos sobre o motivo pelo qual teríamos feito isto. A resposta, de maneira coletiva, foi “porque está errado”, mas não sabiam apontar o “erro” prontamente.

Durante a mesma aula, conversamos com os alunos sobre o que são as variantes linguísticas e por que algumas são de prestígio e outras não. Para iniciarmos a conversa, em um primeiro momento escrevemos apenas “variantes linguísticas” no quadro e perguntamos se eles sabiam o que era. Depois, passamos um questionário e uma das perguntas era referente ao motivo pelo qual algumas variantes gozam de prestígio e outras não. Uma das respostas várias vezes copiada por alunos de uma primeira aluna foi: “Porque algumas coisas são importantes e outras não (coisas que não têm tanto valor)”, refletindo os estigmas sociais.

Após a fala deles, completamos o quadro com definições de “norma padrão”, “norma culta” e “variantes linguísticas” e pedimos que copiassem, para terem onde consultar no futuro. Procuramos

defini-las com uma linguagem simples, pois ainda são pré-adolescentes ou adolescentes, e explicamos que a norma culta também é uma variação linguística. Porém possui prestígio, porque é falada pela parte mais escolarizada da sociedade. As definições que usamos foram:

1. norma padrão: “pode ser entendida como a norma gramatical, com base na gramática tradicional e normativa. Atua como um modelo idealizado que visa a padronização da língua escrita” (NEVES, 2019, s. p.);
2. Norma culta: “é a variação que mais se aproxima desse padrão” (NEVES, 2019, s. p.);
3. Variantes linguísticas: são as diferentes formas de se falar e são “justificadas pela existência de diferentes grupos sociais, com diferentes graus de escolarização, que apresentam diferentes hábitos linguísticos, que resultam numa pluralidade de normas” (NEVES, 2019, s. p.).

Ainda durante a primeira aula, oportunizamos aos alunos comentarem e refletirem sobre os motivos pelos quais acreditam existirem pessoas que usam variantes linguísticas diferentes, com o intuito de fazê-los perceberem que existem diferenças regionais (diatópicas), históricas (diacrônicas), sociais (diastráticas) e situacionais (diafásicas). Em decorrência dessas reflexões, questionamos o porquê de algumas pessoas não dominarem a norma padrão da língua. Terminamos a primeira aula deixando as seguintes sugestões para eles conversarem com os pais e pesquisarem, para aprofundarem o conteúdo da aula:

- 1 – Converse com seus responsáveis e perguntem a idade deles e se a forma como falavam antigamente era diferente dos jovens de hoje e o porquê eles acreditam que o jeito de falar muda;
- 2 – Pesquisem: a) O que são ditongos; b) O que é ditongação.

Para a segunda aula, antes de cobrar a pesquisa requerida, entregamos aos alunos materiais impressos contendo três letras de músicas, com lacunas nos trechos nos quais há palavras que possuem ditongos e nos quais ocorrem ou podem ocorrer a ditongação, para que completassem com o que ouvissem.

A primeira música selecionada foi *O que será que nós não tem*, que fez sucesso no começo da década de 2010, de João Carreiro e Capataz, pelo uso acentuado do pronome ditongado “nóis”, diversas vezes repetida: “O que será que nós não tem que o sucesso não vem, / que o sucesso não vem / O povo diz que nós canta bem, mas o sucesso não vem [...]” (CARREIRO, 2019, s. p.).

A segunda música usada foi um samba do ano de 1964, do músico Cartola, intitulada *Nós dois*: “Nós dois / Mas antes da cerimônia / Devemos pensar em depois” (CARTOLA, 2019, s. p.). Neste caso específico, diferente da primeira letra, os intérpretes cantam “nóis” e os compositores escreveram “nóis”

na letra da música, esperávamos que os alunos ficassem na dúvida sobre o que preencher, pois a letra está composta com o “nós”. Porém, o cantor, em decorrência da sua variante regional, ao interpretá-la, fala “nóis”. E de fato geraram perguntas, por parte dos alunos, com relação a forma que eles deveriam escrever: “nós” ou “nóis”.

Por fim, trouxemos um *rock* de composição de Roger Moreira e interpretada pela cantora Pitty, intitulada *Nós vamos invadir sua praia*. Novamente houve dúvida na hora da transcrição, em decorrência da forma como é cantada (rápida) e pelo uso da variante regional usada pela cantora: “Mais do que um bom bronzado / Nós queremos estar do seu lado / Nós 'tamo' entrando sem óleo nem creme” (MOREIRA, 2019, s. p.).

As três músicas são de épocas diferentes, interpretadas por pessoas de regiões diferentes e de estilos musicais diferentes, sendo uma sertaneja universitária, um samba dos anos 60 e um *rock* do final dos anos 80, essa última, na voz de uma intérprete dos anos 2000. As músicas foram escolhidas justamente para que os alunos pudessem perceber as variantes por causa da época e região. Conversamos sobre o contexto em que elas foram produzidas, para que eles refletissem sobre a interferência desses fatores na forma como a música foi apresentada.

Durante a conversa, explicamos o que são ditongos e a ditongação, pedindo que transcrevessem, se encontrassem esse fenômeno nas músicas. Duas respostas no preenchimento das lacunas foram relevantes para o estudo: a primeira resposta relevante foi na música *O que será que nós não tem*, por alguns alunos terem preenchido com “nós”, na forma padrão, ao invés de “nóis”, como os intérpretes faziam. Acreditamos que isso ocorreu, possivelmente, porque não tinham compreendido os momentos de uso das variantes linguísticas. Outra explicação possível seria a compreensão de que essa é a norma privilegiada pela escola.

Figura 1

Trecho da tarefa de preenchimento de lacunas com palavras que podem sofrer o processo de ditongação

O Que Será Que Nós Não Tem

João Carreiro e Capataz

O que será que Nós não tem, que o sucesso não tem, que o sucesso não tem ?
O povo diz que Nóis canta bem mais o sucesso não tem, o sucesso não tem

Fonte: Arquivo pessoal.

A segunda resposta que nos chamou a atenção surgiu com o uso de aspas para o preenchimento do “nóis”. Isso provavelmente se deu em decorrência de uma conversa sobre o uso escrito das formas não padrão, na qual explicamos que um dos recursos para escrevê-las e indicar o uso proposital, é por meio do uso de aspas.

Figura 2

Trecho da tarefa de preenchimento de lacunas com palavras que podem sofrer o processo de ditongação

O Que Será Que Nóis Não Tem

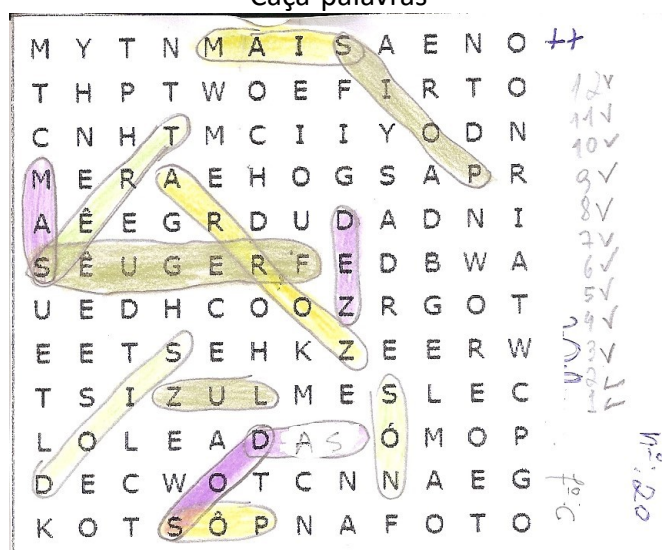
João Carreiro e Capataz

O que será que “nóis” não tem, que o sucesso não reem, que o sucesso não reem?
 O povo diz que “mais” canta lem mais o sucesso não reem o sucesso não reem

Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a conversa com os alunos, apresentamos possibilidades em que acontecem o processo de ditongação, como proposto nos objetivos: a ditongação é realizada em contextos específicos, tais como: “treis” e “deiz” (por analogia de dois e seis); “arroiz”, “cruiz”, “nóis”, “voiz” (na presença do som de S ou Z); “bandeija”, “carangueijo”, “azuleijo” (por analogia com ameixa e caixa). Para reforçar a forma padrão de escrita e para que percebessem que existem palavras semelhantes, oferecemos uma cruzadinha e um caça-palavras para que refletissem com relação a forma escrita padrão. Também pedimos que eles indicassem outros exemplos.

Figura 3
Caça-palavras



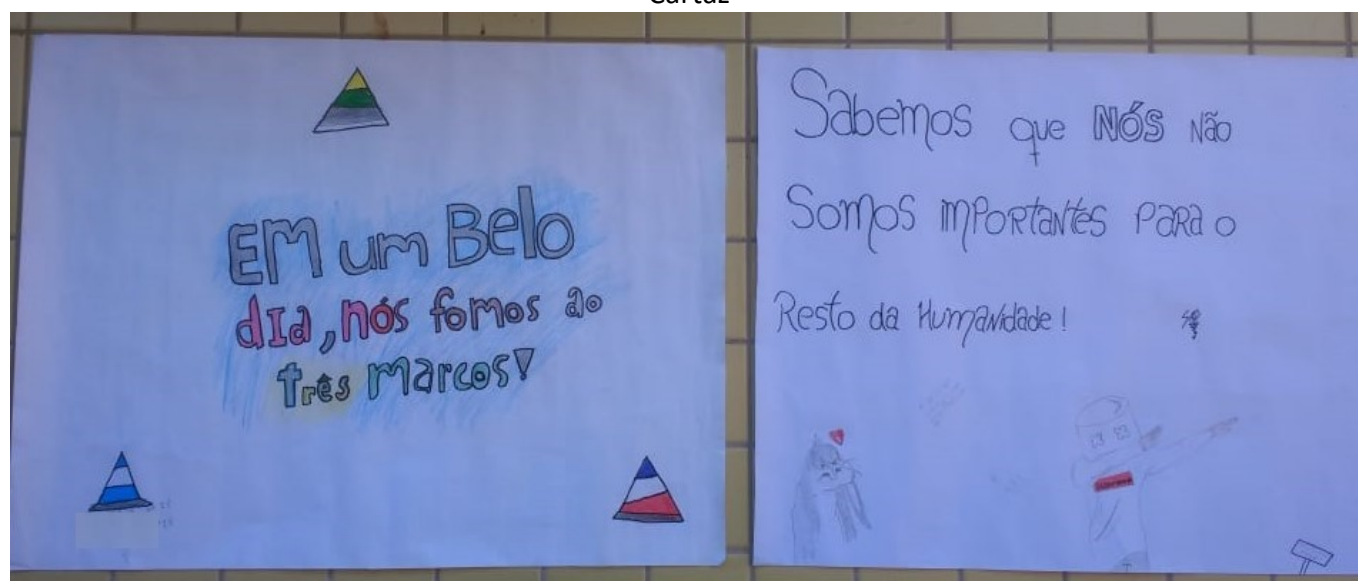
Fonte: Arquivo pessoal.

Na terceira aula, em decorrência das respostas dadas para o “nóis” na música sertaneja (“nós”, na forma padrão fora de contexto e com o uso de aspas), retomamos a explicação sobre o uso do vocabulário dentro de um contexto para, de novo, reforçar que falar e escrever em qualquer variante, em situações diversas, é possível e não está errado. Depois disso, questionamos o motivo pelo qual os cantores se valiam do “nóis”. Uma das respostas dada por um dos alunos foi: “porque, às vezes, no lugar de nascença ele fala dessa maneira ‘errado’”. Vemos o uso das aspas novamente. Quando inquirido sobre o motivo pelo qual havia usado esse recurso, o aluno nos justificou que não era errado no contexto usado, mas não estava na norma padrão.

Na sequência, apresentamos, na lousa, palavras nas quais ocorre o processo de ditongação, tais como as já citadas: “nóis” [‘noys] (nós), “luiz” [‘luys] (luz), “arroiz” [aʁ’ojj] (arroz), “fregueis” [freg’ejj] (freguês), “treis” [tr’ejj] (três), “cruiz” [kr’ujj] (cruz), “voiz” [v’ojj] (voz), “bandeija” [bêd’ejze] (bandeja), “carangueijo” [karêg’ejzu] (caranguejo), “azuleijo” [azul’ejzu] (azulejo). Abrimos a possibilidade para que sugerissem mais palavras e anotamos também. Então, pedimos para produzirem uma frase para cada palavra, escrita na norma padrão.

Na quarta e na quinta aulas, organizamos os alunos em grupos e entregamos cartazes para que transcrevessem as frases produzidas na aula anterior e destacassem as palavras que escolheram. Neste processo, surgiram dúvidas relacionadas ao uso do “mas” e “mais”. Explicamos a função de cada um deles e pedimos ao grupo que ficou com essas palavras, que fizessem dois cartazes, mostrando o uso padrão das duas possibilidades, assim como para “pôs” e “pois”; “dos” e “dois”. Durante o processo de produção desses cartazes, encaminhamos a atividade para quarta e última aula da unidade didática.

Figura 4
Cartaz



Fonte: Arquivo pessoal.

Novamente dividimos os alunos em grupos, maiores dessa vez, e propusemos uma espécie de interpretações de situações nas quais deveriam se valer da norma padrão tanto na fala, para apresentação do trabalho, como na escrita, para produção do roteiro da situação simulada. As apresentações foram: um júri simulado; uma entrevista de emprego com atividade pré-definida; uma apresentação de telejornal; um debate político. Os grupos tiveram que trazer pronto, de casa, para próxima aula, um roteiro e apresentar a situação.

Na sexta aula, os alunos apresentaram primeiramente um júri, no qual um dos acusados havia roubado pão. Juízes e advogados tentaram falar a norma culta. Erraram algumas vezes, mas se monitoraram assim que perceberam. O aluno que interpretou o acusado falou usando uma variante desprestigiada socialmente e argumentou que o motivo pelo qual o fez foi proposital em decorrência da falta de escolaridade do personagem em questão, querendo até mesmo justificar o ato.

Posteriormente os alunos responsáveis pela segunda apresentação, entrevista de emprego, fizeram uma simulação de seleção para vaga de vendedor de loja de calçados. Colocaram alguns dos pretendentes à vaga falando e escrevendo em variante estigmatizada e deixaram claro o preconceito linguístico para com os que se valeram dessa forma na hora de “contratar”.

O terceiro grupo se dividiu e fez duas apresentações. Uma apresentação parodiou o Jornal Nacional, tanto na maneira de dar as notícias como na fala. Já a segunda parte do grupo, se baseou num “telejornal” local e satirizaram a forma exagerada da apresentação e o vocabulário. Mas, neste ponto, intervimos para explicar que talvez o apresentador do jornal local se valesse daquele léxico para se fazer compreender pelo seu público-alvo, portanto, a variante usada pelo apresentador, apesar de desprestigiada, era intencional e, dado o contexto, “bem colocada”.

O último grupo apresentou um debate político e falou usando variantes linguísticas desprestigiadas propositalmente, segundo os próprios alunos, pois Lula, Dilma e Bolsonaro sempre falam “errado” (nas palavras dos alunos). Fizemos uma intervenção sobre a credibilidade de um político e a sua forma de falar, mas eles contra argumentaram, dizendo que “político pode até falar diferente, mas é tudo safado”. Então, não importava a variante usada pela classe.

Considerações finais

Ao terminar as atividades propostas pela unidade didática, podemos afirmar que, por mais que os exercícios sejam cuidadosamente planejados, algumas alterações sempre ocorrem durante as

aplicações. Dentre essas mudanças de planejamentos, tivemos o aumento na quantidade de aulas destinadas para as atividades, isso porque algumas demandavam mais tempo para as produções e outras porque os alunos se empolgavam durante as produções.

Em relação ao trabalho das apresentações, observamos que os alunos começavam envergonhados e, pelo fato do gerenciamento da fala, eram vagarosos nas pronúncias. Todavia essa atividade foi bastante proveitosa, devido ao objetivo alcançado, pois constatamos que, a maioria deles agora sabe que precisa cuidar da forma como falam e escrevem em determinadas situações. Domínio de linguagem em contexto que eles mesmos demonstraram durante as apresentações.

No trabalho com as transcrições das músicas, percebemos que a maioria dos alunos conseguiu notar a diferença nas variações entre o uso de “nós” e “nóis”, bem como compreendeu os motivos que explicam essa diferenciação, tais como o regionalismo, escolaridade, entre outros.

Sobre a participação dos alunos, constatamos que a maioria gostou das atividades variadas e não acharam cansativas. A parte mais complexa foi a das apresentações, pois alguns são mais tímidos e esse fator também precisou ser trabalhado, além da paciência para que pudessem, vagarosamente, se sentirem seguros para a apresentação.

Referências

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Ditongação X monotongação no falar de Fortaleza. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, 2000.

BORONAS, Joyce Elaine de Almeida. Marcas de oralidade no texto escrito. **Signum: Estudos Lingüísticos**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 15-32, jul. 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e ortografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 02 maio 2019.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

NEVES, Flávia. **Norma culta**. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/norma-culta/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

NÓS DOIS. [Compositor e intérprete]: Cartola. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/cartola/nos-dois/letra/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA. [Composição]: Roger Moreira. [Intérprete]: Pitty. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pitty/1400733/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

O QUE SERÁ QUE NÓIS NÃO TEM. [Compositor e intérpretes]: João Carreiro e Capataz. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/joao-carreiro-capataz/o-que-sera-que-nois-nao-tem.html>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, Claudinei Marques; ALMEIDA, Miguél Eugênio; RODRIGUES, Marlon Leal. Monotongação e ditongação no Português: um estudo diacrônico. *In*: VII SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS, 7, 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/. Acesso em: 10 jul. 2020.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ZORZI, Jaime Luiz. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. *In*: MALUF, Maria Irene de Matos (Org.). **Aprendizagem**: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: ABPp, 2006. p. 144-162.